

Brasil-Colômbia: Fronteiras imaginadas, relatos inconclusos

Angélica Montes Montoya¹
angelica.angmon11@gmail.com

Resumo: Partindo de *La vorágine* (1924), de José Eustasio Rivera, o texto relembra a “febre da borracha” como um regime de servidão, violência e miséria imposto a seringueiros e populações indígenas na Amazônia, articulado por elites locais e interesses estrangeiros. A obra é lida também como denúncia ambiental precoce, ao expor desmatamento, caça ilegal e poluição dos rios. Em seguida, o artigo desloca o debate para o presente: a Amazônia, crucial na crise climática, tornou-se um eixo geopolítico global. A fronteira Brasil-Colômbia aparece como “imaginada” e porosa, marcada por circulações culturais binacionais, mas também por crime organizado e narcotráfico. Contra novas “febres” extrativistas (ouro, pecuária, agroindústria), destacam-se iniciativas de cooperação regional e a meta de desmatamento zero até 2030, colocando a preservação amazônica como condição de sobrevivência humana.

Palavras-chave: *La vorágine* (1924); populações indígenas; injustiça social; denúncia ambiental; fronteira Brasil-Colômbia

Brazil-Colombia: Imagined Borders, Unfinished Narratives

Abstract: Drawing on José Eustasio Rivera’s *La vorágine* (1924), the text revisits the Amazon rubber boom as a system of servitude, violence, and deprivation imposed on rubber workers and Indigenous communities, enabled by local elites and foreign corporate interests. The novel is also framed as an early environmental denunciation, depicting deforestation, illegal hunting, and river pollution. The article then shifts to the present, arguing that the Amazon has become a global geopolitical pivot amid the climate crisis. The Brazil-Colombia border is portrayed as “imagined” and porous, shaped by binational cultural flows yet increasingly affected by organized crime and drug-trafficking routes. Against successive extractive “rushes” (gold, cattle ranching, agribusiness, illegal logging), the piece highlights emerging regional cooperation and the pledge to reach zero deforestation by 2030, casting Amazon protection as a prerequisite for human survival.

Keywords: *La vorágine* (1924); Indigenous peoples; social injustice; environmental denunciation; Brazil-Colombia border

La vorágine

Em 1924, foi publicada a novela “*La vorágine*”, do colombiano José Eustasio Rivera. Nela, são narradas as desventuras e a injustiça das condições de vida dos trabalhadores da borracha na

¹ Doutora em Filosofia (Universidade de Paris 8), Mestre em Estudos das Sociedades Latino-Americanas (IHEAL-Université Sorbonne Nouvelle) Diplomada em Filosofia (Universidade de Cartagena, Colômbia)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7285-0990>

Curriculo: <https://independent.academia.edu/MontesAng%C3%A9lica1/CurriculumVitae>

Amazônia colombiana, em meio ao que foi a “febre da borracha”. Durante o final do século XIX e início do século XX, a região amazônica, especialmente em países como o Brasil, Peru e Colômbia, viveu um violento processo de exploração econômica e social, causado pela alta demanda mundial de borracha natural, matéria-prima usada na fabricação de pneus, impermeáveis e produtos derivados, de grande valor para a crescente economia industrial capitalista da época.

Em sua novela, Rivera explorou detalhadamente a vida cotidiana de servidão e exploração a que eram submetidos os trabalhadores pelos capatazes e pelos patrões das empresas de borracha, que os forçavam a trabalhar em condições desumanas e os pagavam salários miseráveis. Também retrata a miséria e a desumanidade a que eram submetidas as populações indígenas, que, além de enfrentar o deslocamento de suas terras ancestrais e a contaminação de suas áreas de habitat, sofriam o assédio e a servidão por parte dos colonos. A obra de Rivera expõe a injustiça e o abuso de poder perpetrados pelas elites locais e pelas empresas estrangeiras, mas também a resistência das comunidades indígenas e dos próprios trabalhadores a esse sistema que transforma o ser humano em uma peça sem valor na grande empresa industrial, que responde a interesses particulares.

A Amazônia é um dos personagens principais de “La vorágine”, obra icônica da literatura latino-americana que completa 200 anos desde sua publicação. Nela também se evidencia a avassaladora presença dos colonos na densidade da floresta. Uma presença descontrolada que destrói o lugar por meio do desmatamento indiscriminado, da caça ilegal e da poluição dos rios. Nesse sentido, podemos afirmar que a novela de Rivera é uma obra de denúncia ambientalista que se antecipa ao movimento ecológico global.

Esse vasto território amazônico (6,7 milhões de quilômetros quadrados), sua riqueza e fragilidade, hoje são temas de extrema importância geopolítica, diante de um mundo que enfrenta uma crise climática que ameaça a existência dos recursos vitais necessários para a conservação da espécie humana. Os elementos abordados por Rivera no início do século XX ressoam hoje - 200 anos depois - com força, em meio às disputas políticas em torno da salvaguarda desse vasto território compartilhado por nove países da América do Sul. Nesse contexto, parece pertinente examinar a relação entre dois dos países com a maior fronteira compartilhada, a Amazônia.

Fronteira imaginada

Na grande história da América do Sul, o Brasil se destaca não apenas por ser o maior em tamanho (8,5 milhões de quilômetros quadrados) e o mais populoso, com cerca de 200 milhões de habitantes, mas também por ser o Estado cujo território abrange grande parte da Amazônia.

Essa característica faz com que os estados fronteiriços do Brasil e da Colômbia compartilhem uma fronteira mais imaginada, uma vez que ela não é totalmente regulamentada, nem está sob

controle dos Estados. Dada a própria topografia da Amazônia, as fronteiras entre Colômbia e Brasil são extremamente porosas. Muitas populações de ambos os países transitam de um território estatal para o outro sem se preocupar com as formalidades de passaporte. Como toda fronteira, há inúmeras histórias de famílias que se constroem em uma binacionalidade e biculturalidade de fato: utilizam as duas línguas oficiais e até mesmo as línguas indígenas da região; a gastronomia se nutre da história culinária compartilhada, etc.

A história entre o Brasil e a Colômbia se entrelaçou “apesar de” suas origens históricas paralelas. Assim, enquanto o Brasil nasceu nas Américas como o único grande elo do que foi o império colonizador português, que também se estendeu à África e à Ásia, em Porto Seguro, localizado no estado da Bahia, na costa leste do Brasil, ancoraram os sonhos de conquista de Pedro Álvares Cabral. Após ele, chegariam Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Fernão de Magalhães. A Colômbia é apenas um dos incontáveis territórios espalhados pelo grande império espanhol.

Quando, em 1808, na atual Colômbia, começavam as primeiras escaramuças e lutas pela independência contra o Vice-Reino de Nova Granada, no Brasil chegava o próprio rei de Portugal, João VI, para se proteger da invasão napoleônica. Enquanto, em 1851, as populações negras da Colômbia foram declaradas livres, no Brasil isso só ocorreu trinta e sete anos depois, em 1888, com a aprovação da Lei Áurea, sob o comando de um imperador.

A relação entre esses dois Estados e sociedades coincide em suas histórias trágicas que, como as estirpes condenadas dos Buendía, às vezes parece que não têm “uma segunda chance na Terra”. Os dois países enfrentaram o flagelo das violências políticas e daquelas alimentadas pelo negócio ilícito. As guerras dos narcotraficantes pelo controle da produção da planta e da pasta de coca, assim como as rotas do tráfico, inundam de histórias essa fronteira verde da Amazônia, onde os tentáculos dos inúmeros rios que atravessam a selva, como veias que bombeiam vida, se transformam em pontos de fuga para o crime organizado.

Amazônia global

À febre da borracha descrita por Rivera no século XX, seguiram-se outras febres não menos avassaladoras: a febre do ouro, o desmatamento ilegal, a pecuária extensiva e a agricultura em grande escala, que devoram (de um lado e do outro da fronteira imaginada) a diversidade biológica e cultural.

Felizmente, contra o desejo voraz das lógicas extrativistas que saqueiam a megadiversidade, a pluriculturalidade e a variedade de ecossistemas amazônicos (10% da riqueza do planeta), e frente à inação que por décadas tem sido evidente em seus governos, têm sido os processos de resiliência da própria natureza e de algumas populações locais que impulsionam novas perspectivas para essa dobradiça ecológica. Assim, na última cúpula de Belém, durante o caloroso agosto de 2023, os

governos dos 8 países membros da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), em sua declaração conjunta “Unidos por Nossos Bosques”, manifestaram a urgente necessidade de criar um frente internacional de ajuda financeira que permita gerar áreas protegidas e conservá-las. Brasil e Colômbia assumiram o compromisso de reduzir a zero o desmatamento da Amazônia até 2030.

Enquanto o governo colombiano fala em implementar uma espécie de “OTAN da biodiversidade”, o governo brasileiro busca acelerar o reflorestamento da floresta. A cooperação binacional avança, e a experiência brasileira de Pagamento por Serviços Ambientais para a conservação das florestas com as famílias no arco do desmatamento serve de exemplo para a Colômbia, que se junta a essa ambiciosa estratégia, na qual as famílias aderem ao programa estatal comprometendo-se a não desmatar em suas propriedades e a iniciar um processo com o governo para desenvolver uma economia agropecuária em que se limite ao máximo a presença de gado, permitindo a recuperação da floresta e a restauração ecológica da Amazônia.

No contexto global e geopolítico, a questão da vida (Zoé) e o lugar que ela ocupa nos espaços de disputa política sempre esteve presente, embora relegada a segundo plano. Assim, por exemplo, poderíamos supor que a exigência de direitos sociais e econômicos pressupõe - de forma indireta - a demanda por uma sustentabilidade igualitária do “modo de vida humano” para todos os sujeitos da espécie humana, independentemente da espacialidade geográfica em que se encontrem (países do Norte ou do Sul; países desenvolvidos ou em desenvolvimento).

A questão climática aparece como o centro de uma disputa geopolítica mundial, na qual o que está em jogo já não são os mercados internacionais, as cadeias de valor na produção ou o capital. O que está em disputa é a capacidade de assegurar um espaço terrestre para a própria espécie humana; o que está em disputa é nossa própria existência enquanto espécie.

De modo que as primeiras preocupações expostas por Rivera em *La vorágine*, nos primórdios do século XX, extrapolam as páginas da literatura e se traduzem hoje na preocupação com a mudança climática como tema primordial das agendas políticas binacionais entre o Brasil e a Colômbia, mas também no nível ibero-americano e global. A preocupação já não é salvar os rios ou o jaguar, mas a própria espécie humana. Do frágil equilíbrio da Amazônia dependem as temperaturas do planeta, a soberania alimentar, a genética de milhões de seres vivos (plantas, animais, insetos, etc.), e a própria existência e estabilidade dos Estados e governos.

Brasil e Colômbia, conectados pelos rizomas das bacias dos rios da grande Selva e pelo complexo entrelaçamento dos vínculos históricos e culturais, estão obrigados, como Estados e sociedades, para além dos respectivos governos, a dialogar para evitar que, como ocorre com os protagonistas do romance de Rivera, acabem devorados e perdidos em suas próprias voragens desenvolvimentistas.